Vol.1 Nº11 QUARTA-FEIRA 27 DE SETEMBRO DE 2006

O Açoriano

Antes morrer livres que em paz sujeitos

Director: Mario Carvalho Site Web: www.oacoriano.org

Restaurant Adega
Grelhados tradicionais em carvão
★ Peixe
★ Mariscos
★ Aves
3124, Beaubien Este, Montreal (Qc)
Tel.: (514) 725-6285

O Açoriano
EDITOR:
AS EDIÇÕES MAR
4231, Boul. St-Laurent
Montréal, Québec
H2W 1Z4
Tel.: (514) 284-1813
Fax: (514) 284-6150
Site Web: www.oacoriano.org
E-mail: info@oacoriano.org

PRESIDENTE:
Sandy Martins
VICE-PRESIDENTE:
Nancy Martins

DIRECTOR:
Mario Carvalho
DIRECTOR ADJUNTO:
Antero Branco

REDACÇÃO:
Sandy Martins

COLABORADORES:
Antonio Vallacorba
Damião de Sousa
Elizabeth Branco
Guilhermo Cabral
Maria Calisto

CORRESPONDENTES:
Açores
Alamo Oliveira
Edite Miguel
Jorge Rocha
Roberto Medeiros
Porto
Jeremias Martins

FOTOGRAFIA:
Açores
Humberto Tibúrcio
Ricardo Santos
INFOGRAFIA:
Sylvio Martins

ASSINATURAS
www.oacoriano.org ou
Envie o seu pedido para:
Assinantes O Açoriano
4231, Boul. St-Laurent
Montréal, Québec, H2W 1Z4

EDITORIAL

A vida depois duma tragédia...

A fuzilada no Colégio Dawson nos leva a reflectir sobre vários aspectos da nossa vida que consideramos adquiridos. A segurança social é um dos bens adquiridos. Acho que queremos nos sentir em segurança na estrada, no metro, no trabalho ou na escola. Uma tragédia deste tipo nos faz dubitar sobre o que leva um ser humano a fazer mal a pessoas inocentes. Como mãe, faz-me reflectir sobre a segurança das minhas filhas quando estão na creche e na escola. A minha filha de seis anos estava a ver as notícias comigo no dia 13 de Setembro e fez-me várias perguntas sobre o incidente. Não quis explicar-lhe tudo porque não queria que tão nova soubesse o mal de que é capaz o ser humano. Para mim é importante que ela se senta segura nos diferentes meios que frequenta.

Estava no trabalho quando ouvi a notícia e a primeira coisa que pensei foi:

"Pobres pais que tem filhos neste Colégio e que estão a aprender esta noticia". "Como é que aqueles estudantes poderão se sentir em segurança na escola? Ou em qualquer outro lugar?"

Felizmente este tipo de tragédia é uma excepção aqui no Canada. E penso que o processo de cura só pode começar se nos convencemos que em geral este tipo de evento não acontece aqui. De modo geral, estamos seguros em qualquer parte da cidade. Se pensarmos que a nossa cidade não é segura e que nos impedimos de fazer as nossas actividades diárias, deixamos o mal vencer.

Foto de Michael Estrela

Para as vítimas, pais, familiares e amigos desta tragédia não será fácil continuar. Só posso dizer coragem!

Sandy Martins

EM DESTAQUES
A vida depois duma tragédia 2

GENTE DA TERRA
Haja Saúde Açoriano e justiça! .. 3

MULHERES DA TERRA
Maria Olga Fraga Raposo 4

AGENTE QUE NÓS SOMOS
O homem açoriano 5

INTRODUZINDO
A ILHA DAS FLORES 6
A ILHA DO CORVO 7

FOTOS DO NOSSO POVO 8

ENTRE-NÓS
"Som do Vento" em Montreal 9

O MAR E A TERRA
Ilhéus das Formigas 10
Roberto de Mesquita 10

COMUNIDADES
Povoação em desenvolvimento 11

A NOSSA HISTÓRIA
João Bosco Mota Amaral 12

CURIOSIDADES
Sabia o que é... 13
Crónica do tempo que passa 13

GASTRONOMIA 14

CRÓNICA DA MARIA
O Fim da Viagem 15
Lenda de Nossa Senhora 15

RECORDANDO O PASSADO
Quem são eles? 16

Um Adeus e um Obrigado

Obrigado a todos que de uma forma ou outra contribuiram e colaborarem pelo exito e estadia do grupo cultural " Som do Vento" em Montreal e arredores: Missão de Santa Cruz, Ville de St-Therese (Mairesse Sylvie Surprenant), Caixa de Economica Desjardins, Associacão Portuguesa de St-Therese, Comissão de Festas do S.C. de Jesus (José de Sousa, Familia e equipa da cozinha), Comissão de Festas da Nossa Senhora dos Milagres, Casa dos Açores, Ville de Montreal, Consulado geral de Portugal em Montreal, do Grupo folclórico Cana Verde, da Agência funeraria Magnus Poirier (M. Robert e José Teixeira), ao Sr Antonio Vallacorba, a Radio Centre-ville, a Radio Clube, Radio CKFM, ao jornal A Voz de Portugal, Jornal do Emigrante e Luso Presse, a Ramada Inn, Associação Portuguesa do Canada, Associação Portuguesa de Hochelaga, a Padaria Lajeunesse, ao presidente da Câmara de Anjou Luis Miranda, a Câmara Municipal da Lagoa (Roberto Medeiros), ao Salão Nella, a comissão de festas de S.Pedro, a José de Freitas e esposa, a Fernando Vinagre, José e Natércia Rodrigues, ao restaurante Chez le Portugais, ao jornal O Açoriano.

Uma vez mais a todos muito Obrigado e... Bem Hajam.

Armando Loureiro

Haja Saúde Açoriano e justiça!

Mario Carvalho

Relembramos que no dia 24 de Setembro de 2005 foi anunciado pela primeira vez publicamente na comunidade Portuguesa de Montreal a vinda de um novo jornal, ***O Açoriano***. A sua primeira publicação aconteceu no dia 29 de Outubro de 2005.

Um ano depois, a comunidade Açoriana vive o luto e o sofrimento da morte da jovem Anastasia de Sousa, filha do nosso conterrâneo, Nelson de

Sousa e neta de José Jorge de Sousa e Maria Leonor Reis, naturais de Rabo de Peixe, São Miguel, Açores. Ela foi vítima de um tiroteio no Colégio Dawson provocado por um desequilibrado mental.

Por ser pai de duas filhas, que frequentam o ensino escolar em Montreal também me preocupo com a violência que se vive neste momento nas escolas.

Recorde o meu tempo de escola, pé descalço, saco de flanela, quadro de pedra para escrever, e uma bola para brincar, era assim a minha escola.

Não havia violência, simplesmente amizade e respeito pelos professores e colegas!

Hoje preocupam-se em calcar e vestir roupas de marca, telemóvel no saco e até armas, existe um elevado consumo de drogas, formam-se grupos (gangas) para controlar o comércio do tráfico de droga e a prostituição juvenil.

Para conseguir tudo isto é necessário roubar e fazendo uso da violência para conseguir ter tudo isto, e neste ambiente vão crescendo e vivendo os nossos filhos.

São detentores de armas e os pais não têm conhecimento, trazem para casa coisas roubadas e os pais não sabem, fazem parte de "gangue" e os pais não se apercebem, mas afinal residem na mesma casa.

Os filhos passam a noite fora e dormem na casa de um amigo, mas não se sabe onde mora, nem o seu numero de telefone para o contactar. Depois aparecem nos jornais, por terem cometido um crime, fique surpreendido nunca pensaram que o filho seria capaz de uma coisa destas, na verdade os nossos filhos crescem e não os vemos crescer, pedem e nós lhes cedemos tudo. Depois, é tarde demais. Entra-se num circulo de chantagem e de violência

e os pais são agredidos e ameaçados de morte, se não fizerem aquilo que os filhos querem. A casa familiar não é um hotel e muito menos um alojamento. No lar deve existir regras e deveres, reinar o respeito, amor e amizade, as normas devem ser respeitadas, os pais tem por direito defender a harmonia entre todas as partes que vivem debaixo do mesmo telhado. Aquele que obstina as regras deve ser punido com a justiça segundo a gravidade da falta cometida.

Tudo na vida tem regras, no transito por exemplo, para que possamos circular nas estradas em segu-

rança deveremos respeitar os sinais, circular pela direita, parar na luz vermelha só avançar na verde e o sinal amarelo indica perigo, se não parar corremos o risco de provocar um acidente. Os carros circulam na estrada e os peões nos passeios, quando respeitamos todas estas regras circulamos em segurança.O mesmo acontece na sociedade aonde vivemos, se todos se respeitarem tragedias como colégio Dawson não teria acontecido nem a nossa Anastasia teria morrido.

Exigimos que justiça seja feita, mas quando somos nós que a devemos fazer temos medo de a fazer.

A justiça a todos guarda, mas ninguém a quer em casa, é o freio da humanidade a justiça branda faz o povo rebelde. A justiça é o dever de cada um de nós, não é da responsabilidade dos professores educar os nossos filhos nem as regras da vida. Justiça é virtude moral que inspira o respeito pelo direito de outrem, rectidão. Porque razão pode permitir um jovem de ter uma arma!

Os pais tem por obrigação denunciar as autoridades competentes se os filhos teimam em não obedecer, e meter em perigo a vida e liberdade de cada um de nós. Mais vale morto que vergonha, de pequenino é que se endireita o pepino!

Que a morte daquela linda jovem inocente Anastasia de Sousa, sirva de motivo de reflexão para todos e que os seus olhos sejam luz para iluminar a vida dos nossos jovens. Onde a justiça impera, não são precisas armas, ser justo e serás forte.

Haja Saúde e até a próxima.

Em meu nome pessoal e de todos os membros do Jornal O Açoriano, apresento à família de Nelson Sousa as mais sentidas condolências pelo falecimento da sua filha".

O Acoriano-09-27-2006.indd 3 9/25/2006 7:21:53 PM

À procura das Mulheres da Terra!

Longa e a estrada da vida...

Nasci na linda ilha das Flores, que alguém nomeou de Suiça Açoriana, na vila das Lajes, dia 13 de Maio de 1944. Meus pais, Emília e João Fraga, deram-me o nome de Maria Olga Gomes de Fraga, muitas pessoas diziam que me haviam roubado o nome, pois devia chamar-me Fátima ou Iria, mas, lá esta,"Maria" que também justifica a data dia de nossa Senhora de Fátima. Vivi e cresci num meio muito simples, alegre e calmo. Como todas as crianças do meu lugar e da minha idade, andei na escola primária ate a 4 classe, depois continuei a estudar ate ao 3 ano do liceu mesmo na Vila das lajes.

Gostava muito de ir para o calhau, não havia praia com areia (hoje já lá tem uma) com as minhas primas e amigas, onde nos banhávamos nas piscinas naturais de agua pura, fresca e muito salgada, também gostava de ir para os matos apanhar amoras e musgo novo para meter nos colchões e travesseiros, era tão bom passar o dia na caldeira, (lagoa) funda, onde nos banhávamos e passeávamos num pequeno barco a remos.

Participava nos teatros organizados pelo pároco da igreja e pelo Sr. Avelar por quem eu tinha grande consideração e admiração.

Lembro-me que uma vez representava a ilha das Flores e cantava os seguintes versos da sua autoria:

I
Sou das flores, sou a ilha
Que tem nome de jardim
De Portugal sou a filha
Que só tem nome assim
II
Tenho paisagens Formosas
Que fazem extasiar
Tantas flores, tantas rosas
Que ate se perdem no mar.

Com 16 anos de idade, deixei a casa dos meus pais e fui para o Faial terminar o 4 e 5 ano no colégio de Sto. António em seguida fui para a escola normal da Horta, completar os dois anos necessários para ter o diploma de professora.

Em Setembro de 1965, vim para São Miguel leccionar, sendo a minha ilha pouco populosa não tinha escola para mim. Fui colocada na Feteira Grande de Nordeste, onde trabalhei numa escola masculina com alunos divididos por quatro classes em Fevereiro fui para São Roque aonde terminei o ano escolar.

No ano seguinte, fui dar aulas numa escola mista na Várzea, aonde mais tarde conheci o meu marido, José Manuel Raposo, que estava prestes a embarcar para o Canada. Em Junho de 1969, cheguei ao Canada, onde casei a 5 de Julho do mesmo ano.

Durante nove anos, foi criar e cuidar dos filhos, Sylvio, Sandra e Samuel, aos fins-de-semana trabalhava como supervisora na Maison Notre Dame de Laval, instituicao para jovens delinquentes.

No mês de Novembro de 1978, comecei a trabalhar para a comissão das escolas de Montreal, no

projecto P.E.L.O (programa de ensino das línguas de origem) aliás fui a primeira professora de origem portuguesa. Dava aulas as crianças portuguesas que se encontravam nas escolas: Jean-Jacques-Olier, St.Jean Baptiste e St. Enfant Jesus, ao fim de 15 anos fui transferida para as classes de acolhimento aonde ensinava francês e matemática, durante 5 anos estive em três escolas: Alice Parizeau, St Arsene e Marie Rivier. Durante a minha carreira de professora, tive a ocasião de apreciar, estudar, conquistar, encorajar e sobretudo amar o rosto de mais de 700 crianças. Sempre gostei de crianças dai o meu desejo de ser professora.

Durante vários anos dava aulas e estudava a noite na Universidade do Quebeque em Montreal. Fui membro da Associação e Missão de Nossa Senhora de Fátima, e 1985 fui uma das fundadoras do Grupo Folclórico Estrelas do Atlântico, participei em seminários na Universidade dos Açores em 1986 e 1988. Ao fim de 20 anos de ensino, aposentei-me, continuando a dar aulas ao sábado na escola portuguesa de Laval, onde ensino desde 1980.

Ainda hoje sinto falta do mar azul, dos montes e vales, da minha querida terra, cheios de lindas e viçosas hortênsias. Agora dedico muito tempo da minha vida aos meus queridos netinhos; Shawn, Felícia e Felícia. Todos os dias agradecem a Deus pela força e coragem, e a saúde que me tem dado ao longo de todos estes anos, por vezes cansativos, mas muito gratificantes por terem sido vividos com muita dedicação, carinho e amor.

Agradeço a todos quantos me apoiaram e me incentivaram a seguir em frente. ***Maria Olga Fraga Raposo.***

Escola Portuguesa de Laval

Situada no 3781 Boulevard Levesque em Laval. Funciona aos sábados das 9 as 12:30 horas de Setembro a Maio.Temos cursos para crianças, jovens e adultos.

Para mais informacoes contactar:
Olga Raposo 450.681.7420
Maria do Carmo Raposo 450.681.4303

O HOMEM AÇORIANO E A AÇORIANIDADE

Continuação da última edição

Não podemos hoje falar do Açoriano e dos Açores sem ter em conta estas realidades e o seu enquadramento numa época finissecular onde a informação se generaliza e o modelo de homem é o que temos chamado de tele-homem isto é, o da civilização da informação constante e simultanea e do comando à distancia. Tudo se comanda à distância: o míssil, a sonda médica, a trajectória de um satélite ou de uma nave. E que mais haverá?

Não obstante, as ténues fronteiras entre o mundo urbano e o mundo rural, a fraca densi- dade de população , a importância do s transportes e as suas dificuldades, o isolamento de algumas populações, a mentalidade tendencialmente bairrista e às vezes quase prose lítica, algum cultivado distanciamento entre classes sociais em algumas ilhas, as estruturais incapacidades de desenvolver a economia e as fontes de riqueza própria, continuam a caracterizar o viver dos açorianos, apesar de virtualmente unidos no projecto autonómico, político e institucional, como resposta a um sentimento de incompreensão histórica que para alguns assume proporções de abandono. O Açoriano do limiar do século XXI não escapa à evolução rápida das sociedades, nomeadamente as rurais. Felizmente nestas aumenta uma consciência de preservação das tradições e do folclore mantendo-se grupos folclóricos, grupos de teatro, festividades que persistem e são hoje conserváveis pelas facilidades da tecnologia. Continuamos porém a aguardar uma sistemática e especializada análise dos falares açorianos, gravados há poucos anos pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, com apoio já da Universidade dos Açores. Essa análise contribuirá para construir mais uma contraprova das hipóteses da origem do povoamento dos Açores, região certamente conservadora, como o são todas as regiões periféricas ou de colonização. Os trabalhos de recolha de tradição oral de Viegas Guerreiro, os estudos de João David Pinto Correia (ainda há pouco uma Conferência sobre os romances populares feita na Universidade dos Açores) provam a riqueza do património cultural do Arquipélago e o seu carácter conservador.

O "viveiro de Lusitanidade quatrocentista" de que falou Nemésio foi com os séculos sendo moldado pelas circunstâncias do meio, sedimentando uma sociedade peculiar, diversa e una. À sua carga histórica experiencial colectiva assumida individualmente se chamou então um dia Açorianidade, conceito e termo que Vitorino Nemésio criou em 1932 em palavras lapidares:

(...) "Meio milénio de existência sobre tufos vulcânicos, por baixo de nuvens que são asas e de bicharocos que são nuvens, é já uma carga respeitável de Tempo e o tempo é espírito em fieri (...)".

"Como homens estamos soldados historicamente ao povo de onde viemos e enraizados pelo habitat a uns montes de lava que soltam da própria entranha uma substancia que nos penetra. A geografia, para nós, vale outro tanto como a história (...)".

"Um dia. Se me puder fechar nas minhas quatro paredes da Terceira, sem obrigações para com o mundo e com a vida civil já cumprida, tentarei um ensaio sobre a minha açorianidade subjacente que o desterro afina e exacerba."6. Com estas palavras sem qualquer intenção reivindicativa ou política, apenas ditadas pelo tal sentimento de desterro, criava Nemésio, possivelmente influenciado pela hispanidade de Unamuno, a açorianidade, alma do ser-se açoriano, que emerge em quase toda a sua obra de poeta e de romancista e contista. Alargado o conceito, ele não só exprime a qualidade e a alma do ser-se açoriano, dentro ou fora (principalmente fora?) dos Açores, mas o conjunto de condicionantes do viver arquipelágico: a sua geografia (que "vale tanto como a história"), o seu vulcanismo, as suas limitações económicas, mas também a sua própria capacidade de uma "economia" tradicional de subsistência, as suas manifestações da cultura e da religiosidade popular, a sua idiossincrasia, os seus falares, tudo o que contribui para conferir identidade.

Esta ideia e este termo nemesiano feliz (não existe "madeiridade", embora possa e deva existir atlanticidade, conceito mais abrangente) prestam-se a utilizações que ultrapassam a sua principal semântica ontologico-cultural e podem entrar no domínio da utilização político-ideológica, por vezes até a exageros identitários quase diríamos "fundamentalistas". No entanto, tem de dizer-se que a açorianidade é de facto o suporte ontológico-cultural da autonomia, expressão emergente, ao nível da fenomenologia política e da reivindicação histórica anti-centralista, daquele outro espírito já velho de mais de quinhentos anos do homem insular incompreendido. Assim, na atlanticidade, denominador comum das margens do Atlântico e dos povos que planeadamente entre elas circularam, inscreve-se a açorianidade, condição peculiar do ser- se e do viver nos Açores .

Conclusão na próxima edição

ILHA DAS FLORES

A Ilha das Flores é o ponto mais ocidental da Europa, com uma superfície de 142 km2 e uma população de 4 300 habitantes. Foi descoberta em 1450 por Diogo de Teive e seu filho João de Teive. O inicio do seu povoamento, deu-se no reinado de D Manuel I, no ano de 1510, com povos vindos de várias regiões do continente, principalmente do norte do pais. As Flores são uma das mais belas ilhas dos Açores. No Verão a ilha é coberta por milhares de hortênsias de cor azul, que divide os campos ao longo das estradas, nas margens das ribeiras e lagoas. Não foi em vão que lhe chamaram Ilha das Flores No extremo norte da ilha situa-se a vila de Ponta Delgada que se espraia junto ao mar. A sul situa-se a vila das Lajes e a Ocidente as povoações de Lajedo, Mosteiros, Fajãzinha e Fajã Grande.

A ilha das Flores é Natureza. É exuberância. São vales profundos cortados por ribeiras. Picos

e morros marcando horizontes, convulsionando a paisagem. Ondulações que descem até à cosia em arribas verticais. Enseadas e cabos pontiagudos, eriçados de rochedos. Por toda a parte o verde, as plantas, as flores e, recortando campos, estendendo-se em faixas quilométricas, por montes e vales, o azul céu das hortênsias, um mar de hortênsias.

Lagoas. As sete lagoas da ilha das Flores são graciosas superfícies de água em caldeiras vulcânicas rodeadas de flores. A Lagoa Funda ou Verde, com pequenos areais, verdadeira taça de margens revestidos por vegetação e hortênsias é, sem dúvida, a mais encantadora. Mas as seis restantes - Branca, Seca Comprida, Rasa, Lomba, e Funda das Lajes - têm também uma beleza serena e atraente que as fazem merecer uma visita, uns momentos de calma e repousante contemplação.

Rocha dos Bordões. Curioso fenómeno geológico originado pela solidificarão do basalto em altas estrias verticais, constituindo imponente morro. Nas proximidades da sua base, as Águas Quentes, junto ao mar, pequenas caldeiras ferventes de água sulfurosa. Em algumas áreas da costa ocorrem iguais formações basálticas, embora de menores dimensões.

A gruta dos Enxaréus. Enorme cavidade vulcânica à beira-mar, com cerca de 50 metros de comprimento e 25 metros de largura. Interessante passeio de barco que permite apreciar um formoso trecho da costa recortada por rochedos e pequenas enseadas. No litoral da ilha existe, ainda, a gruta do Galo, com interessantes formações vulcânicas e uma entrada que recorda o portal de gigantesca catedral.

As cascatas. Cortada por ribeiras caudalosas que, ao saltarem de serra em serra em pequenas e cristalinas cascatas, entoam um murmúrio fresco e cantante, a ilha das Flores ganha um bucolismo que se harmoniza com a paisagem feita de verdes entrecortados do azul das hortênsias, do arco-íris

das flores. À mais importante cascata - Ribeira Grande, na Fajãzinha, com uma queda de centenas de metros - juntam-se, apenas na área entre esta freguesia e a Ponta da Fajã, cerca de vinte quedas de água. muitas das quais se precipitam no mar.

Os ilhéus. Em volta da ilha, na continuação do acidentado da costa, surgem inúmeros pequenos ilhéus que emprestam colorido ao azul do mar com os nomes pitorescos de Álvaro Rodrigues, da Fragata, da Maria Vaz, do Cartório. O ilhéu de Abrões é atravessado por curiosa furna e o ilhéu

de Monchique é a ponta mais Ocidental da Europa servindo, nos tempos da navegação astronómica, como ponto de referência para acertar as rotas e verificar os instrumentos de navegação.

As formações rochosas. O basalto e a lava da ilha das Flores têm vindo a ser esculpidos pelo vento e pela chuva, tomando formas fantásticas e sugestivas. No morro dos Frades sobre a Fajã de Lopo Vaz, duas pedras recordam a silhueta de um frade e de uma freira. Nas proximidades da gruta do Galo é possível adivinhar, num rochedo, o perfil de um garboso galináceo.

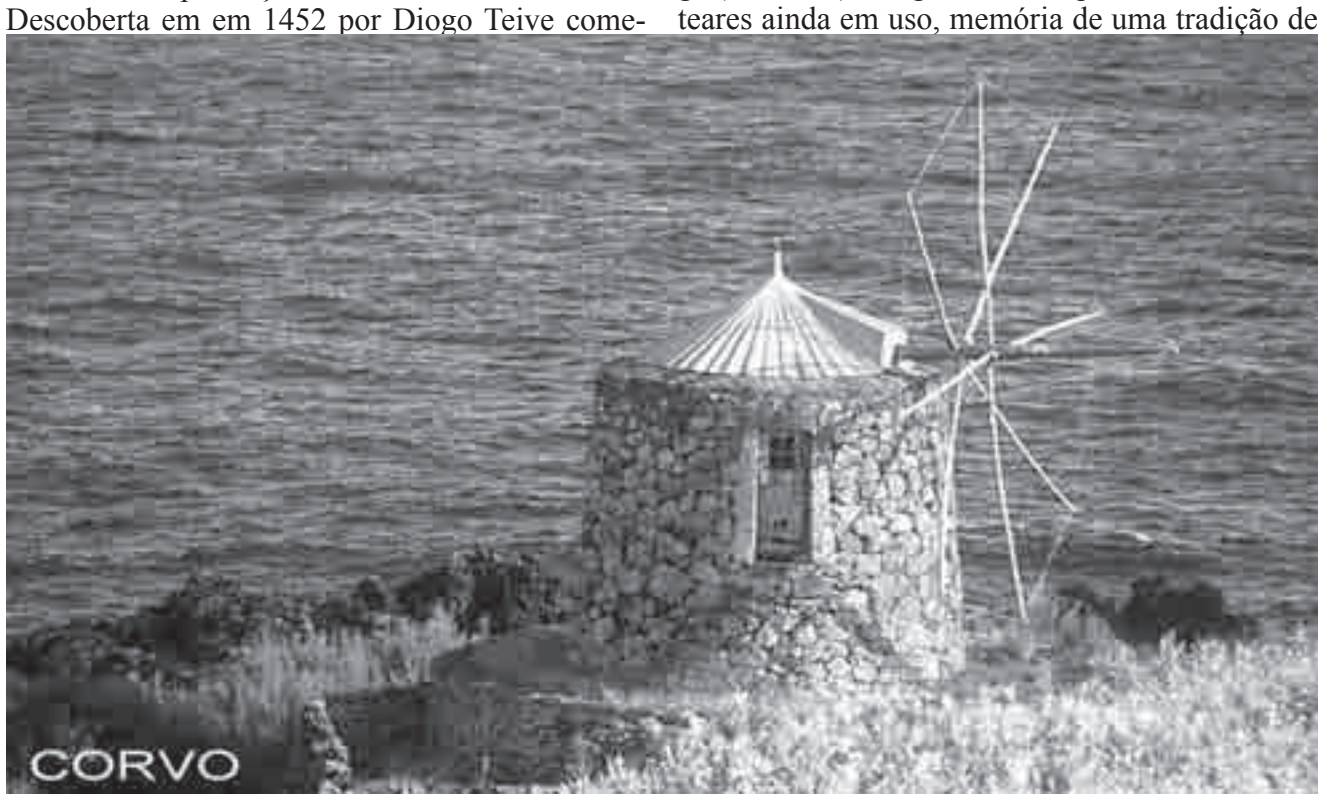
Os picos ou morros. O maciço montanhoso central, formado pelo Morro Alto, a maior atitude da ilha, o Pico da Burrinha, o Pico dos Sete Pés e outros de menor altura, proporcionam magníficos miradouros sobre as lago-

as, vales, ribeiras e o perfil recortado da costa. O Outeiro da Madeira Seca, cujo acesso exige um pouco de exercício, oferece deslumbrante panorama sobre o Vale das Lajes.

As azenhas e moinhos de água. Trazidos pelos primeiros povoadores muitos desses engenhos milenários de aproveitamento da força útil da água ainda hoje moem o trigo e o milho e situam-se nas principais ribeiras da ilha. Com as suas paredes de pedra negra, o telhado coberto de musgo, a roda ou o rodízio espargindo água cristalina são a pincelada romântica de uma paisagem bucólica que, sem elas, ficaria incompleta. Outras, abandonadas, testemunham o preço do progresso e as suas ruínas evocam séculos de labor insessante.

ILHA DO CORVO

A mais pequena ilha dos Açores, o Corvo conta somente 17,45 km2 de área e 400 habitantes. É um ponto diferente no meio da imensidão do Atlântico. O Corvo tem como única povoação a Vila Nova do Corvo. Descoberta em em 1452 por Diogo Teive começou a ser povoada em 1458 por escravos pretos e mouros, criadores de gado e a partir de 1580 por população branca vinda da Ilha das Flores. O ponto mais alto da ilha é o Monte Grosso com 770 m de altura. A Ilha do Corvo é constituída por um cone vulcânico cujo cimo se abateu em forma de caldeira, formando o Caldeirão, que é uma cratera extinta à altitude máxima de 770 m de altura com 3, 7 km de perímetro e 300 m de profundidade. A população corvina dedica-se à agro-pecuária e à pesca.



Vila Nova do Corvo é das mais pequenas vilas de Portugal e certamente a mais isolada. Percorrer as suas ruas estreitas, calcetadas com seixos rolados e tendo no centro lajes polidas pelo uso, é realizar uma viagem ao passado ao apreciar as suas fachadas de pedra, negra com debruado branco nas janelas e portas, ao sentir a solidão que cerca a pequena vila no azul do mar, no verde da paisagem. Observar nalgumas portas as típicas fechaduras de madeira com que, na falta de metal de outros tempos, se trancavam as portas das casas e palheiro. Merece uma visita a Igreja de Nossa Senhora dos Milagres, padroeira da ilha, com imagem flamenga (séc. XVI). Nalgumas casas poderá observar os teares ainda em uso, memória de uma tradição de lanifícios quase perdida, onde se teciam panos de lã espessa, trabalhada por processos tradicionais complexos e curiosos.

Caldeirão. Cratera do antigo vulcão que deu origem à ilha e forma o Monte Grosso tem 300 metros de profundidade e 3400 metros de perímetro. No fundo duas calmas lagoas com pequenas ilhotas que a tradição associa à representação do arquipélago dos Açores (excluindo as Flores e o Corvo). Magníficos horizontes do cume do Caldeirão.

Rochedos e ilhéus. O rochedo do cavaleiro, lendária figura que apontando para Oeste seria uma estátua que indicaria a América chegando a merecer referência por cronistas e historiadores. Outros rochedos de formas fantasiosas, como o pontiagudo Marco, recortam a costa alcantilada. E vários pequenos ilhéus salpicam o azul límpido do mar.

Os Moinhos. Parentes próximos dos engenhos que os mouros deixaram no Continente, os moinhos de vento do Corvo são diferentes dos das outras ilhas nas suas velas triangulares de pano, no mecanismo interior que faz rodar a cúpula para acompanhar os ventos. Troncos de cone de pedra negra, atarracados, apenas têm como abertura para o exterior.

Maria Alice Macedo
Correctora de seguros de prejuízo de particulares
Conselheira em segurança financeira

Silva Langelier & Pereira Inc.
Tel.: 514.745.0425
Tel.: 514.282.9976

Sagrado Coração de Jesus

Foto de Antonio Vallacorba

Nossa Senhora dos Milagres

Foto de Antonio Vallacorba

Santa Cecilia

Foto de Antonio Vallacorba

Agence de Voyage Algarve

Agência de Viagens portuguesa

Temos ao vosso dispôr:

- Viagens para todo o mundo
- Especiais para as Caraibas
- Cruzeiros a partir de 799^{00}+tx
- Hoteis e pensões em Portugal a partir de 49$^{00\$}$ por noite
- Aluguer de carros a partir de 159$^{00\$}$ / semana
- Serviço de impostos
- Envio de contentores, barrils e o nosso popular Cabaz de Natal

Uma força no comunidade - Tel.: 273-9638 - Fax: 273-8911

"Som do Vento" da Lagoa dançou em Montreal e Toronto

Roberto Medeiros
Vice-Presidente da Câmara da Lagoa

O Grupo de dança "Som do Vento" da freguesia de Santa Cruz da Vila da Lagoa, deslocou-se ao Canadá de 31 de Agosto a 14 de Setembro a convite de Armando Loureiro, empresário, natural de Água de Pau, S. Miguel, Açores, radicado em Montreal.

Foto José Rodrigues

O Som do Vento é composto por 25 jovens com idades compreendidas entre os 6 e os 19 anos, têm na sua direcção Irene Botelho e Lili Freitas e pretenderam com esta viagem partilhar e adquirir conhecimentos, trocar experiências com outros jovens da sua idade e aprofundar o seu conhecimento sobre a cultura canadiana. Para este projecto o grupo Som do Vento contou com o apoio da Câmara Municipal de Lagoa, Direcção Regional da Juventude (Programa de Mobilidade - Intercâmbio Juvenil) e de Armando Loureiro e esposa que prepararam um programa com a ajuda de diversas instituições de Montreal onde dançaram, tais como: a Casa dos Açores, a Missão de Santa Cruz, a Câmara Municipal de Sainte-Thérèse (vila irmã da Câmara da Lagoa), a Comissão das Festas do Sagrado Coração de Jesus, Associação Portuguesa de Montreal , Associação do Espirito Santo de Hochelaga e da de Sainte Thérèse (Comissão de Festas de S.Pedro). Visitaram, o Jardim Botânico, Biodôme, o Insectrium, o Planetarium, o Oratório de S. José, o velho Montreal. Foram recebidos no terraço panorâmico da Câmara Municipal de Montreal por Michèle Bernier (conseillière en affaires internationales), com direito a cocktail e assinatura no livro de honra do município, pelo vice-presidente da Câmara de Lagoa e toda a delegação lagoense. A SIC Internacional fez a cobertura de alguns espectáculos, os jornais, "Açoriano", o "LusoPress" deram notícia e a "Voz de Portugal" deu destaque especial de primeira e páginas centrais a cores, assim como ainda outros orgãos de comunicação falada divulgaram e elogiaram a iniciativa do grupo e autarquia lagoense, foram eles, a Rádio Clube Montreal (Luísa Calado) e Rádio Centre Ville (António Valacorba). Todavia, Sylvie Surprenant, a Presidente da Câmara de S. Thérèse, Damião Sousa,La Caisse d'Economie des Portugais de Montreal(Emanuel Linhares e Jacinta Amâncio), Màgnus Poirier(Mr.Robert e José Teixeira), Fernando Vinagre, Ramada Inn, José de Freitas e esposa, José e Natércia Rodrigues, Padaria La Jeunesse e Salão Nella de Armando Loureiro foram inexcedíveis colaboradores do sonho do Som do Vento em Montreal.

Foto Antonio Vallacorba

Em Toronto a Casa dos Açores local abriu as suas portas e ofereceu um programa de 3 dias, providenciando visitas à CN Tower, ao Ontario Place (IMAX), à Câmara de Toronto e centro da cidade e ainda um passeio às cataratas de Niagara. Na despedida o grupo realizou um espectáculo para os familiares, amigos, associados e directores da casa dos Açores, que registou e solidificou a amizade pela hospitalidade dos novos amigos do grupo em Toronto. Carlos Botelho, presidente da Casa dos Açores e toda a sua direcção foi extraordinária. Na hora da partida, já no aeroporto de Toronto, a simpatia da responsável da Sata Express, Elsa Carneiro, providenciou um embarque muito simpático ao grupo Som do Vento, registando assim mais um bom serviço daquela companhia açoriana.

Foto José Rodrigues

Foto Sylvio Martins

Casa de Móveis
ARCA
Servindo a comunidade
há mais de 40 anos
4117 Boul. St-Laurent, Montreal
tel.: (514) 842-0591

Ilhéus das Formigas

Os Ilhéus das Formigas, apesar de quase sempre referidos quando se listam as ilhas do Grupo Oriental do Arquipélago dos Açores, são um dos locais menos conhecidos do Açores. Na Ponta do Castelo, extremo sudeste da Ilha de Santa Maria,

do Farol da Maia ou de Gonçalo Velho, usando uma luneta, avistam-se bem os ilhéus. Apesar da pequenez do território emerso, o banco submerso que os rodeia tem grande interesse biológico. Terão sido avistados em 1431, por Gonçalo Velho Cabral, na sua 1.ª busca das ilhas achadas pelo piloto Diogo de Silves.

São um conjunto de 8 rochedos basálticos muito baixos (o mais elevado, o Formigão, tem 11 m de altura), dispostas no sentido Norte / Sul e espalhados por cerca de 10 km. É um recife rochoso desabitado, isolado a 37 km a nordeste da Ilha de Santa Maria, e entre esta e a Ilha de São Miguel. Recurso natural de grande importância ecológica, é local de reprodução e alimentação de muitas espécies de aves marinhas. As suas águas são muito ricas, sendo mesmo consideradas um dos melhores pesqueiros dos Açores. Na zona, classificada de Interesse Comunitário (Rede Natura 2000), também se avistam com frequência tartarugas e focas.

Sendo nelas interdita a pesca, com excepção do atum e das espécies migradoras, e a apanha de quaisquer animais ou plantas. Os Ilhéus das Formigas são um biótopo de grande interesse internacional para conservação da biosfera, estando proposta a sua inclusão na rede das reservas marinhas da biosfera, de relevância mundial da UNESCO.

O Farol das Formigas,

Localizadas em pleno oceano, a pequena dimensão e altura dos ilhéus e a presença do Recife do Dollabarat, fazem das Formigas um perigo para a navegação, particularmente em situação de má visibilidade ou quando a ondulação provoque ecos de mareia que não permitam a sua fácil detecção por radar. Face a esses perigos, logo em 1883 foi prevista a instalação nas Formigas de um farol. Apenas no verão de 1948, numa operação de grande complexidade que envolveu a construção do actual cais de desembarque e o quebramento de rochas submersas para permitir a aproximação, foi construído um farolim. Apesar de ter sido necessário por vezes interromper os trabalhos em resultado do mau estado do mar, a obra foi concluída em apenas 36 dias. Em 1962, com a utilização do navio balizador Almirante Schultz, o farol foi modernizado. Posteriormente, o farol foi novamente alterado, sendo o acetileno substituído por alimentação foto voltaica.

O farol está localizado no ilhéu mais a sul, numa zona aplanada sita cerca de 3 m acima do nível médio do mar, e assenta sobre uma torre transoceânica de 19 metros de altura, estando a luz 22 metros acima do nível do mar. Nos dias de mau tempo todo o ilhéu é varrido pelas vagas, ficando apenas emersa a torre. O farol é um dos ex-libris da farolagem açoriana, marcando com o seu perfil característico a paisagem oceânica das Formigas. Pode ser avistado a cerca de 12 milhas náuticas de distância, sendo, nos dias de visibilidade excepcional, visível das elevações da parte sueste da ilha de São Miguel e do nordeste da ilha de Santa Maria.

ROBERTO DE MESQUITA 1871-1923

Não era para este destino bloqueado entre a rotina burocrática e a pequenez do meio, que o poeta Roberto de Mesquita se julgava vindo ao mundo em 19 de Junho de 1871, em Santa Cruz das Flores.

Porém, as circunstâncias, os limitados recursos familiares e a própria índole de tímido, se não de fatalista, sem grande rasgo nem energia para singrar na vida prática, condenaram-no àquela existência arrastada, semelhante à do pai e outros ascendentes, embora raiada pela evocação do diferente trajecto de parentes excepcionais como o primo Manuel Borges de Freitas Henriques (herdeiro abastado que optara por vida aventurosa de emigrante, baleeiro e comerciante em Boston, e cujo suicídio impressiona os Mesquitas por 1873).

Os tempos em que Roberto de Mesquita vive são, para o mundo ocidental, tempos de ilusória alternância entre crise e euforia; e são para Portugal tempos agónicos, de convulsões e frustrações sucessivas (entre o Ultimatum e o Regicídio, entre o 5 de Outubro e a Grande Guerra, entre golpes e contragolpes…).

Logo nos seus tempos de liceal, acompanhando o irmão em tertúlia, Roberto de Mesquita começa a interessar-se pela literatura, talvez mesmo pela criação poética. Na Horta, dois professores, Rodrigo Guerra e Ludovico de Meneses, estimulam essa veia literária.

Por conseguinte, em 1890, o jovem Roberto de Mesquita estreia-se com o soneto "Fé" n'O Amigo do Povo de Santa Cruz das Flores e com o poema "O Último Olhar" no Diário de Anúncios de Ponta Delgada... embora ainda acobertando-se sob o pseudónimo de Raul Montanha. Um ano mais tarde já subscreve com o seu nome os poemas com que colabora na Ilha das Flores e no Açoriano.

RONDÓ DO OUTONO

Por este Outubro mórbido e fanado
A minha alma respira uma elegia
No ar do campo, ao desbotar do dia,
Quando adormece o Sol esbraseado.

A mágoa de um poeta desterrado
Suspira errante na nortada fria.
Por este Outubro mórbido e fanado
A minha alma respira uma elegia…

Voga um pungente adeus no
entardecer…
E o velho Jeremias vem gemer
No ramalhar do bosque desfolhado.

Oh! essa alma que chora o seu desgosto
No íntimo das cousas, ao sol-posto,
Por este Outubro mórbido e fanado!

O Acoriano-09-27-2006.indd 10 9/25/2006 7:22:19 PM

Povoação em Desenvolvimento

Edite Miguel

Passado o período de férias, cá estou novamente, como prometi, para vos dar a conhecer o vai acontecendo pela Povoação.

Começo, assim, por destacar o arranque das obras do Complexo Desportivo de Furnas e das Piscinas Municipais Cobertas da Povoação, investimentos no valor global de 10 milhões de euros.

Por altura da cerimónia do lançamento das primeiras pedras, Francisco Álvares sublinhou o carácter social, cultural, desportivo e recreativo dos empreendimentos fruto de um avultado investimento autárquico.

O Complexo de Piscinas será organizado por oito áreas distintas: Átrio e Acesso, Balneários de Utentes, Balneários dos Funcionários, Áreas de Apoio às Piscinas e Zonas Técnicas, Piscinas, Administração, Bar/Restaurante e Zona para o Público. As piscinas propriamente ditas serão divididas em dois tanques: um de aprendizagem e outro de competição, de acordo com as regras estabelecidas pelo Instituto Nacional de Desporto.

Por sua vez, os trabalhos do Complexo Desportivo de Furnas estão a ser concentrados, numa primeira fase, na beneficiação do arruamento principal. Depois será a vez da construção do empreendimento. Está prevista, para além da total remodelação do Campo de Jogos de Santana, a edificação de um Pavilhão onde poderão ser praticadas diversas modalidades desportivas, um Polidesportivo e Campos de Ténis.

Do ponto de vista turístico também já temos mais uma novidade na Vila da Povoação. Trata-se da abertura de um Centro de Informação de Turismo e Artesanato que, entre outros objectivos, visa promover os empresários ligados ao ramo e artesãos, inscritos na Criaçor, bem como a nossa Rede de Trilhos e todas as outras belezas naturais. Desde que abriu as portas em Julho, este novo Posto de Turismo, da responsabilidade da Câmara, já foi visitado por cerca de 900 pessoas, muitas oriundas de vários países europeus e dos Estados Unidos da América e Canadá.

A Cultura do concelho também não ficou em mãos alheias nestes meses de Verão. Várias foram as iniciativas desenvolvidas com destaque para o projecto "A Povoação conVida…", cujo objectivo passou pela dinamização da cultura local junto à orla marítima povoacense. Desde o final do mês de Julho até ao início de Setembro os serões dos fins-de-semana em causa foram animados por grupos folclóricos, de dança, de cantares e de violas que deram outra vida à zona litoral. A parte desportiva ficou a cargo da Associação Cultural de Desportiva local que organizou um torneio de voleibol de praia para 68 participantes, inscritos nos diferentes escalões.

A Semana Cultural foi também outra surpresa agradável a julgar pelo número de pessoas que, este ano, compareceram na Vila da Povoação.

Para finalizar, gostaria de destacar o lançamento do novo livro do Padre Octávio Medeiros " O Clero do Concelho da Povoação, Nota Biográficas". Trata-se de um importante registo escrito onde se encontram dados importantes sobre a vida e actividade dos padres que nasceram no município da Povoação.

Até para a próxima.
Saudações conterrâneas.

JOÃO BOSCO MOTA AMARAL

Nascido na cidade de Ponta Delgada, em 15 de Abril de 1943, João Bosco Soares Mota Amaral concluiu os estudos secundários, em 1960, no Liceu Antero de Quental, recebendo o Prémio Nacional, correspondente à mais alta classificação de todo o País.

Licenciou-se em 1965, na Faculdade de Direito da Universidade Clássica de Lisboa e concluiu, na mesma escola, com distinção, em 1966, o Curso Complementar de Ciências Político-Económicas, defendendo tese sobre o tema: "Responsabilidade Civil da Administração Pública".

Eleito Deputado à ex-assembleia Nacional, em 1969, interveio em numerosas questões de interesse para os Açores; foi autor, em conjunto com o Dr. Francisco Sá Carneiro, do Projecto de Revisão Constitucional apresentado, em 1970, pela chamada "Ala Liberal", no qual se continham muitas das reformas democráticas só alcançadas com a Revolução de 25 de Abril de 1974.

Em 1972, a convite do Governo Americano, efectuou durante um mês, uma visita de estudo aos Estados Unidos, onde pôde contactar directamente, pela primeira vez, as Comunidades Açorianas da América do Norte.

Em 1973, participou nos trabalhos da reunião de Helsínquia, da União Parlamentar, integrada nas diligências sobre o desanuviamento.

Tendo sido um dos fundadores do Partido Popular Democrático, nos Açores, em Maio de 1974, desempenhou, desde essa data e até ao presente, elevados cargos directivos, nas estruturas partidárias, a nível regional e nacional.

Foi Presidente da Comissão Política Regional do PSD até Dezembro de 1995 e é Presidente Honorário do PSD e da JSD dos Açores. Foi Vice-Presidente da Comissão Política Nacional do PSD entre 1995 e 1996 e Presidente do Conselho de Jurisdição Nacional, entre 1996 e 1999. É membro nato do Conselho Nacional e do Conselho Regional dos Açores do PSD. Desde Julho de 2000, preside ao Conselho de Administração do Instituto Francisco Sá Carneiro.

Eleito Deputado à Assembleia Constituinte, em 1975, liderou a actuação do então PPD em defesa da Autonomia Política e Administrativa dos Açores e da Madeira, colaborando, activamente, na redacção dos preceitos constitucionais sobre a matéria, a maioria deles baseados em projectos da sua autoria.

Fez parte da Comissão nomeada pela Junta Governativa para redigir o Projecto de Estatuto Provisório da Região Autónoma dos Açores.

Em 25 de Abril de 1976, foi eleito Deputado à Assembleia da República, mandato que foi suspenso, a seu pedido, desde 8 de Setembro do mesmo ano, para tomar posse do cargo de Presidente do Governo da Região Autónoma dos Açores, que desempenhou até Outubro de 1995, no seguimento de eleições democráticas, com periodicidade quadrienal, razão da suspensão dos sucessivos mandatos de deputado à Assembleia da República, para que foi eleito em 1976, 1979, 1980, 1983, 1985, 1987 e 1991.

Foi, até ao termo das suas funções como Presidente do Governo Regional, em Outubro de 1995, a pessoa com o maior número de anos consecutivos no exercício de um cargo governativo, previsto na Constituição.

Foi membro da Conferência Permanente dos Poderes Locais e Regionais da Europa, organismo especializado do Conselho da Europa, e Presidente da respectiva Delegação Portuguesa, tendo lançado as iniciativas conducentes à realização, em 1981, nas Canárias, da I Conferência das Regiões Insulares Europeias e, em 1984, em Ponta Delgada, da II Conferência, de ambas as quais foi o Relator-Geral. Os documentos finais dessas conferências – a Declaração de Tenerife e a Declaração dos Açores – contêm o levantamento da problemática das Ilhas e definem uma política europeia para a sua solução.

Foi, de novo, Relator-Geral da III Conferência das Regiões Insulares Europeias, realizada em 1991, em Marienham, nas Ilhas Aland (Finlândia).

Fez parte, desde a respectiva fundação, da Comis-

são das Ilhas da Conferência das Regiões Periféricas Marítimas da Comunidade Europeia, exercendo funções como Presidente da mesma Comissão entre 1994 e 1995. Foi Vogal da Comissão Permanente da Assembleia das Regiões da Europa.

Participou, como Orador Especial convidado, no "Simpósio Internacional das Ilhas", realizado em Hiroshima, no Japão, em 1989; na Conferência "Ilhas 2000", levada a efeito em 1992, em Taormina, na Sicília (Itália), durante a qual foi distinguido com o Prémio "Castor e Pollux", da Liga Naval Italiana; e na I Cimeira dos Arquipélagos – Irmãos do Hawai, em Honolulu, também em 1992.

Foi, por inerência, Conselheiro de Estado e Membro do Conselho Superior de Defesa Nacional, do Conselho Superior de Segurança Interna, do Conselho Superior de Informações e do Conselho Nacional de Planeamento Civil de Emergência.

Em Maio de 1995, recebeu o título de Doutor Honoris Causa, em Ciências Económicas, pela Universidade dos Açores. Em 1998, foi-lhe conferido o grau de Mestre em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Clássica de Lisboa.

Foi escolhido pela Assembleia da República como Vice-Presidente da Delegação Portuguesa à Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa e à Assembleia Parlamentar da União Europeia Ocidental, tendo desempenhado, entre 1996 e 1999, as funções de Presidente da Subcomissão dos Poderes Locais e Regionais da primeira delas. Em Janeiro de 1999 foi eleito Presidente da Comissão de Fiscalização do Cumprimento das Obrigações dos Estados Membros do Conselho da Europa.

Interveio, em representação do Presidente da Assembleia da República, na Conferência dos Presidentes dos Parlamentos da Bacia Mediterrânica, realizada em Atenas, em Abril de 1997.

Desde Janeiro de 1996 e até à sua eleição como Presidente da Assembleia da República, manteve uma coluna semanal de comentário político no "Diário de Notícias" de Lisboa e ocasionalmente escreve para vários outros jornais.

Foi eleito Presidente da Assembleia da República em Abril de 2002, no início da IX Legislatura, cessando funções a 16 de Março de 2005.

Após a eleição como Presidente da Assembleia da República, e a convite dos Presidentes dos Parlamentos respectivos, deslocou-se em Visita Oficial à República de Cabo Verde, de 7 a 9 de Junho de 2002, ao Reino de Espanha, de 24 a 28 de Setembro de 2002, à República da Hungria, de 6 a 10 de Novembro de 2002 e à República de Itália de 4 a 6 de Dezembro de 2002.

No ano de 2004, participou na IV Conferência dos Presidentes dos Parlamentos Euro-Mediterrânicos, Malta, de 20 a 21 de Fevereiro; na reunião da Conferência dos Presidentes dos Parlamentos dos Países Membros do Conselho da Europa, Estrasburgo, de 17 a 19 de Maio; na reunião da Conferência dos Presidentes dos Parlamentos da União Europeia e do Presidente do Parlamento Europeu, Haia, Holanda, 2 e 3 de Julho; na reunião da Conferência "Uma alma para a Europa" Berlim, Alemanha, de 26 e 27 de Novembro; e na II reunião dos Presidentes dos Parlamentos dos Países Membros do "Diálogo 5 +5", Paris, 7 e 8 de Dezembro.

No início da IX Legislatura, foi aprovada uma profunda revisão do Regimento da Assembleia da República, que ampliou os direitos dos partidos da Oposição e tornou o Parlamento o centro do debate político, intensificando os mecanismos de fiscalização do Governo. Designadamente, ficaram institucionalizados os debates mensais com o Primeiro-Ministro.

Organizou em Lisboa, em Abril de 2003, a Conferência dos Presidentes dos Parlamentos dos Países Candidatos à Adesão à União Europeia; e em Abril de 2004, a Conferência dos Presidentes dos Parlamentos dos Países Lusófonos que se tornaram independentes após a revolução de 1974.

Organizou, nos Açores, em 2004, a Conferência Parlamentar comemorativa do 60º Aniversário do Acordo de Cooperação Militar Luso-Americano.

É Cidadão Honorário dos concelhos de Vila Franca do Campo, Santa Cruz da Graciosa e Lajes das Flores. Recebeu a Chave de Ouro da Cidade de Ponta Delgada.

Foi reeleito Deputado pelo círculo eleitoral dos Açores à Assembleia da República em 20 de Fevereiro de 2005.

Sabia o que é a amizade

Amigo a pedir; inimigo a restituir

A amizade de duas mulheres é, sempre, a conspiração contra uma terceira

A amizade é incerta quando a fortuna é próspera

A amizade é um amor que não se comunica pelos sentidos

A amizade que acaba, não foi verdadeira

A inimizade do sábio é menos prejudicial do que a amizade do ignorante

A melhor maneira de nos desfazermos de um inimigo, é fazer dele um amigo

A amizade deve ser vidente e o amor, cego

Amigo a que favoreceste, amigo que perdeste

A amizade não tem preço

A amizade é o amor sem asas

A amizade é o porto da vida

Amizade reconciliada, chaga mal fechada

Amizade de um dia, recordação de um minuto

A amizade não conhece o esquecimento

A amizade deve ser clara

A amizade é como a urze uma flor que não morre

A amizade vive de provas

Amizade dada é amor

Amizade de menino é água em cestinho

Amizade que pode envelhecer, não deve morrer

A amizade firme, sempre portas abertas

Amizade reconciliada é ferida mal sarada

Amizade renovada é como sopa requentada

A amizade vale mais que a prata e o ouro

A verdadeira amizade dura uma eternidade

Boa amizade, segundo parentesco

NA necessidade, prova-se a amizade

Crónica do tempo que passa

Começo com as Belas-Donas

Álamo Oliveira

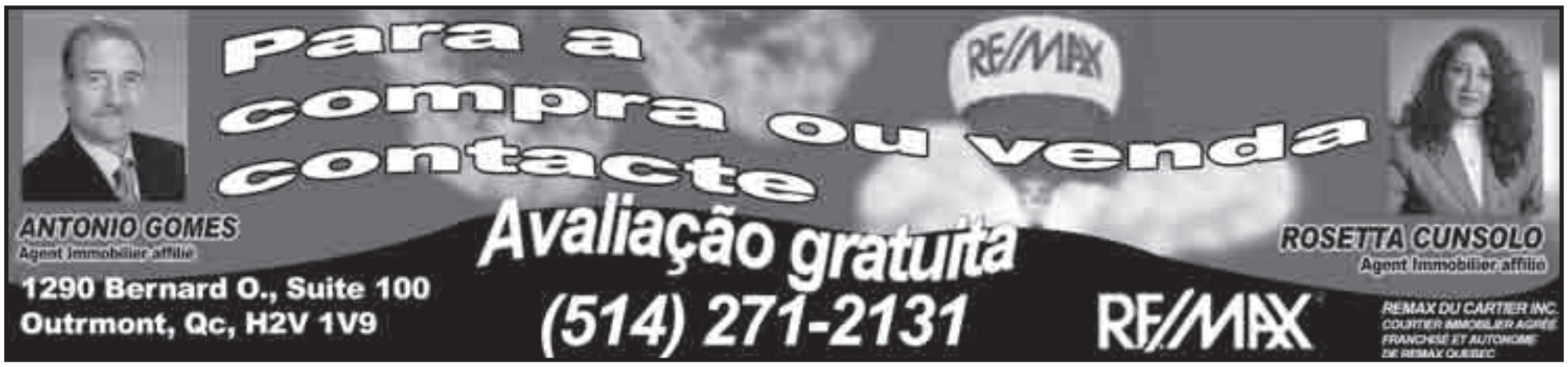
As belas-donas sempre me incomodaram. Tenho, pela sua beleza, um respeito outonal, como se me caíssem as folhas da saudade. É bonito vê-las com aquele cor-de-rosa cheiroso, em lugares onde menos se espera: bermas da estrada, no meio de baldios, em jardins e quintais. São flores bastante decorativas, modestas em cuidados de jardinagem e resistem às mudanças próprias das estações, onde brusquidão e imprevisto se aliam sem deixarem qualquer tipo de provas.

Mas, dizia, que as belas-donas sempre me incomodaram. Na verdade, para além de anunciarem o fim das férias e o regresso ao trabalho e às escolas, as belas-donas sempre me dobraram a tristeza. Quem vive numa ilha pequena, enfeitada por flores sazonais, sabe que as belas-donas fazem entrar nos aviões os nossos familiares, os amigos e os conterrâneos que estiveram, na nossa companhia, em visita de saudade. Chegaram à ilha sob um festival de hortênsias. Partilharam da nossa casa, da nossa amizade, da nossa alegria, das nossas festas. Deram-nos o prazer indelével da sua presença. Abrilhantaram o nosso quotidiano. Com as nossas hortênsias, viram que os jardins se enfeitaram de sécias, de cavacas, de girassóis: uma florália monárquica.Mas, dizia, que as belas-donas sempre me incomodaram. Já perceberam porquê. Não gosto de ver partir os familiares, os amigos, os conterrâneos. Deixam-me o seu lugar vazio – uma saudade que nem a beleza das belas-donas atenua ou faz esquecer. Claro que todos têm de regressar aos seus locais de vida. As férias não podem ser eternas e cada vez é mais necessário ganhar o pão para a boca. Até ao próximo Verão, a saudade terá que ser mitigada pela repetição de um olhar sobre fotografias, cassetes-vídeo e cds. Depois, assim como quem não quer a coisa, vamos implorando à Senhora dos Milagres da Serreta para que, no próximo ano, todos possam voltar a ver as belas-donas – essas flores que, como já disse, sempre me incomodaram: pela tristeza que me deixam os nossos emigrantes no regresso da sua visita da saudade.

Mas, é com as belas-donas que começo aquilo que julgo ser uma «crónica do tempo que passa».

Pequeno retrato de Alamo de Oliveira - Redacção

Nasceu na ilha Terceira em 1945. É técnico da Direcção Regional dos Assuntos Culturais. Alguns textos: Poemas de(s)amor, ed. do autor, Angra do Heroísmo, 1973 (poesia); Fábulas, ed. do autor, Angra do Heroísmo, 1974 (poesia); Os quinze misteriosos mistérios, ed. do autor, Angra do Heroísmo, 1976 (poesia); Manuel, seis vezes pensei em ti, ed. do autor, Angra do Heroísmo, 1977 (teatro); Almeida Firmino - poeta dos Açores, ed. da SREC, Angra do Heroísmo, 1979 (poesia); Eu fui ao Pico piquei-me, ed. do autor, Angra do Heroísmo, 1980 (poesia); Burra preta-com uma lágrima, ed. do autor, Angra do Heroísmo 1982, (ficção); Itinerário das gaivotas, ed. da SREC, Angra do Heroísmo, 1982 (poesia); Uma hortênsia para Brianda (separata da revista "Atlântida"), Angra do Heroísmo, 1982 (teatro); Abordagem (teatral) a "Quando o mar galgou a terra" de Armando Cortes Rodrigues (separata da revista "Atlântida"), Angra do Heroísmo, 1982 (ensaio); Nem mais amor que fogo (de parceria com Emanuel Jorge Botelho), ed. dos autores, Angra do Heroísmo, 1983 (poesia). Está representado em: 14 poetas de aqui e de agora, Angra do Heroísmo, 1972; Antologia de poesia açoriana (do século XVIII a 1975), Lisboa, 1977; Antologia panorâmica do conto açoriano (séculos XIX e XX - Organização, prefácio e notas de João de Melo) ed. Vega, Lisboa, 1978; The sea within, U.S.A., 1983.



Flores

Para além das receitas de carne e peixe, que se podem dizer "açorianas" por estarem presentes em todo o arquipélago, as Flores oferecem. ainda, a sopa de agrião, o cozido de porco, os molhos de dobrada, inhame com linguiça, feijões com cabeça de porco e pastéis de ervas marinhas.

Um saboroso queijo produzido na ilha, a manteiga cremosa e macia, um delicioso mel, graças às flores que durante lodo o ano estão presentes na Ilha, são complementos para refeições onde, também, não devem faltar os caranguejos, cracas e lapas apanhadas nos rochedos molhados pelo mar.

Pratos típicos: Para além das receitas de carne e peixe, as Flores oferecem a papa grossa, sopa de agrião, inhame com linguiça, cozido de porco, molhos de dobrada, feijão com cabeça de porco, Bolo no Tijolo, caldeirada de congro, bonito assado no forno e pastéis de ervas marinhas.

Mariscos: Lagostas, cavacos, caranguejos, lapas e cracas satisfazem os apreciadores de marisco.

Queijos: O queijo local, de fabrico artesanal, é naturalmente saboroso.

RESTAURANTES:

Restaurante Marés Vivas-especialidades: Cozinha regional- Santa Cruz das Flores .

Restaurante Baleia Ocidental: Especialidades:peixe fresco, grelhados, Alcatra de Vitela-Santa Cruz das Flores.

Restaurante A Rosa: Especialidades: ementa regional- Santa Cruz das Flores.

Restaurante Pousada Lajes das Flores: Especialidades: ementa variada-Lajes das Flores.

Restaurante da Zona Balnear: Especialidades: Bife à Esplanada, Coelho Bebado, Polvo no Forno, Espetada de Mero e Camarão-Fajã Grande.

Corvo

Onde Ficar
Casa de Hóspedes Comodore - 292596128
Várias casas particulares:
Leonel Jorge - 292596143; Raul Trindade - 292596230; Agostinho Hilário - 292596169

Onde Comer
Restaurante Caldeirão - 292596018; Restaurante Traineira - 292596207
Café Primavera
Churrasqueira Formidável

Gastronomia Típica
Couves da Barça (couves, batatas e carne de porco salgada)
Couves Fritas
Tortas de "Erva do Calhau" (tortas feitas com algas marinhas)
Molho de Fígado (carne e fígado de porco conservado em gordura)
Linguiça e Inhame.

O fim da viajem

Maria Calisto

Nesta edição vamos terminar a nossa viajem com as duas últimas ilhas dos Açores: Flores e Corvo, mais duas maravilhas. Mesmo se os Açores ainda são pouco conhecidos por muitas nações, depois der ter passado meses a descobrir ainda mais sobre este nosso Arquipélago, que orgulho dizer que nasceu no meio do mar, no meio da natureza, no meio duma maravilha! Sim porque nossas Ilhas são uma maravilha!

A Ilha das Flores é sem dúvida uma das mais belas ilhas dos Açors, além de ser a quarta ilha mais pequena e a mais ocidental. Ela deve seu nome à variedade de flores e plantas lá existentes.

Por isso ela é para muitos a mais colorida do Arquipélago. Mas infelizmente devido à sua localização, as suas temperaturas são mais moderadas ao longo de todo o ano. Sua verdura, vem da sua temperatura pluviosa o que faz que ela é a Ilha mais verde, mas também a mais ventosa. Descoberta em 1452 por Diego (pai) e João(filho) de Teive, a ilha das Flores oferece no verão um paraíso de flores. Ela é coberta por milhares de hortênsias de cor azul. Por volta de 4300 habitantes vivem nas Flores, o que faz que esta ilha é muito maior que a sua vizinha, a Ilha do Corvo, que conta menos de 490 residentes. Mesmo sendo a mais pequena, ela não fica esquecida, porque sua beleza faz parte dos Açores. No Corvo existe uma única montanha vulcânica chamada Caldeirão. O mais interessante é que devido ao seu tamanho, ela é a única Ilha a não ter freguesia.

Todas as Ilhas tenham sua beleza, seus encantos, cada Ilha é única e merece ser visitada, ser descoberta.

Aqui acaba a nossa viajem à descoberta das nossas Ilhas, mas continuamos sempre a dar a conhecer pessoas da nossa terra, pessoas especiais para cada um de nós.

Não percam a próxima edição do vosso jornal O Açoriano, com mais surpresas, notícias e muito mais. Até à próxima

AÇORES mesmo distante sempre no Coração

Lenda de Nossa Senhora do Rosário e os Piratas

Estava-se no séc. XVI e a ilha do Corvo, embora quase toda rodeada como um castelo por rochas muito altas, mas isolada e com pouca gente, estava totalmente à mercê dos piratas que por esse tempo frequentemente cruzavam os mares dos Açores. A povoação e a ermida ficavam sobre a rocha junto ao mar, próximos de uma praia de calhau solto, a que chamavam de Porto da Casa, um dos Lugares mais acessíveis aos piratas. Uma certa vez, enquanto os homens tratavam das ovelhas e das terras e as mulheres fiavam ala e faziam os arranjos da casa, um grande grupo de piratas aproximou-se do dito porto. A gente do Corvo, apanhada de surpresa, julgou que o seu fim estava próximo, pois era pouca e nao tinha armas para se defender. Do mar começaram a vir muitos tiros e a ameaça dos piratas invadirem a ilha, roubarem e destruírem, se os Corvinos não respondessem com força. Vendo-se impotentes, enquanto lutavam de cima da Rocha contra os mouros, enviando tantas pedras quantas podiam, chamavam em seu auxílio Nossa Senhora do Rosário. Para o lugar da peleja o vigário tinha levado nos braços a sua pequena imagem que há anos tinha dado à costa, em baixo, nos calhaus do Porto da Casa, e que tinha altar na ermidinha ali no Alto da Rocha. A luta foi dura, mas os do Corvo desbarataram os piratas, venceram-nos, tomaram-lhes muitas armas, sem que nenhum perigo acontecesse ao povo da terra, conseguindo ainda cativar um mouro. Esta vitória deveu-se a Nossa Senhora do Rosário, padroeira da gente do Corvo, que, lutando a seu lado desviava todos os tiros mandados pelos piratas e devolvia-os, multiplicados, para os barcos dos mouros, conseguindo pô-los em desbarate.

Os piratas fugiram amedrontados e durante muito tempo não voltaram a atacar a mais pequena ilha dos Açores e diziam entre si: - Não vamos ao Corvo que está lá uma "Margarita" que apara as balas. A gente envia um tiro, ela manda sete para bordo e mata sete de uma vez! Essa "Margarita" era Nossa Senhora do Rosário que, por ter feito este e muitos outros milagres, passou a ser chamada de Nossa Senhora dos Milagres e ficou a ser a Santa mais Querida de todos os Corvinos.

Hoje a pequena imagem já não está na ermidinha sabre a Rocha, mas numa linda igreja, num lugar baixo, no meio das pequenas casas duma rua estreita da pequena Vila do Corvo.

◇◇◇

QUEM SÃO ELES?

Mercearia Portuguesa
Desde 1975

Especial 27 de Setembro até 25 de Outubro
4701 RUA ST-URBAIN, MONTREAL, QC.
TEL.: (514) 842-3373

Marché Sá

ATUM Bom petisco 2/.99¢ 99gr

Queijo fresco vaca e cabra 4.49 cada

Chouriço Mouro De pele
Compra 2 e leva um gratuito

Pudim Boca Doce 2/.99¢

Carne para Guizar com osso 2.49 Lb

Azeite Saloio 7.77 900ml

Rissóis Ferma Bacalhau ou Camarão 2.99 cada

Na compra de 100$ e mais oferta de 1CD
SONHOS DE PORTUGAL
*quantidade limitada

Parabéns ao jornal O Açoriano
pelo seu primeiro aniversário de existência